

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



Entre Homero e Humboldt: Natureza, espiritualidade e ciência no pensamento de Henry D. Thoreau

Letícia Ferreira Lamha¹

Nascido em Concord, Massachusetts, no início do século XIX, Henry David Thoreau (1817-1862) esteve imerso em um ambiente de grande efervescência intelectual. Em seu tempo, circulavam pela Nova Inglaterra as ideias que ajudaram a moldar o panorama cultural norte-americano. A “Renascença Americana”, conforme concebida pelo crítico literário F. O Matthiessen em *American Renaissance: Art and Expression in the Age of Emerson and Whitman*, livro publicado em 1941, foi o tempo do aparecimento das obras *The Scarlet Letter* (1850), de Nathaniel Hawthorne, *Representative Men* (1850), de Ralph Waldo Emerson, *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, *Walden* (1854), de Thoreau, e *Leaves of Grass* (1855), de Walt Whitman.

Para além do campo literário, Thoreau percorreu diferentes direções em suas meditações. Sua inserção no cenário Transcendentalista nos auxilia, em boa medida, a compreender a amplitude de seus interesses. O Transcendentalismo, movimento religioso, filosófico, literário e político com o qual Thoreau manteve aproximações nos anos iniciais de sua formação intelectual, esteve atrelado a discussões variadas que fervilhavam na América pré-Guerra Civil. Os tópicos de suas reflexões abarcavam discursos em prol da abolição da escravidão, a defesa dos direitos civis das mulheres, o estudo comparado das mitologias/religiões, bem como as investigações científicas então envoltas nas formulações da história e da filosofia natural. Ralph Waldo Emerson (1803-1882), autor de *Nature* (1836), o primeiro manifesto público atrelado aos

¹ Bacharela em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestranda em Ciência da Religião (bolsista Capes) e graduanda em Filosofia na mesma instituição. Na pós-graduação, desenvolve o projeto de pesquisa “Henry David Thoreau e as linguagens da *Natureza*”. E-mail: leticialamha@live.com.

transcendentalistas, foi um dos mais influentes expoentes da “Nova Escola”, como a denominaram seus contemporâneos.

Os pensadores que gravitavam em torno desse círculo intelectual receberam diversas influências, e, em especial, as balizas estruturais daqueles que foram chamados pela tradição de “românticos”, incluindo (i) a concepção do divino como um poder que tudo permeia e que, portanto, deve ser buscado também através do estudo da natureza, e (ii) a confluência entre as artes e as ciências nas abordagens do mundo natural e suas relações com a condição humana. Suas fontes principais remetem aos patriarcas do romantismo inglês William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, bem como às bases do idealismo alemão tal como apropriadas e expostas por Victor Cousin e Thomas Carlyle (Miller, 2001, p. 10).

Herdeiro dos mosaicos românticos e sua proposta de confluência entre a contemplação e a investigação empírica da natureza, Henry Thoreau trilhou múltiplas rotas em sua busca por nutrir aquilo que ele chamou, em *Walking* (1862), de “Simpatia com a Inteligência”² (Thoreau, 1906h, p. 240), expressando, em diversos momentos, as dimensões multiformes de suas reflexões. Por ocasião de sua filiação à Associação Americana para o Avanço da Ciência, em tom irônico frente ao processo de especialização dos ramos do conhecimento que começava a tomar curso em seu tempo, ele declarou ser simultaneamente um místico, um transcendentalista e um filósofo natural (Thoreau, 1906d, p. 4).

Através de suas peregrinações, desde a mais tenra infância, pelas matas nos arredores de Concord, Thoreau criou as condições que o permitiram se tornar um agrimensor e, também, um naturalista cujas observações legaram relevantes contribuições para o conhecimento dos biomas de sua terra nativa. Ensaios como *Natural History of Massachusetts* (1842), *A Walk to Wachusett* (1843), *A Winter Walk* (1843), *An Address on the Succession of Forest Trees* (1860), *Autumnal Tints* (1862) e

² No original: “Sympathy with Intelligence”.

Wild Apples (1862) são alguns dos testemunhos da relação da obra thoreauviana com os desenvolvimentos científicos de seu contexto.

Um leitor e admirador dos exploradores e naturalistas Alexander von Humboldt e Charles Darwin, o pensador norte-americano, através da observação e registro dos ciclos sazonais e dos comportamentos de animais e plantas em suas respectivas formas de habitação, demarcou seu pertencimento às vertentes empíricas de estudo da natureza. Em 1851, após ter apresentado a Samuel Cabot, curador de aves da Boston Society of Natural History, uma espécie rara da ave de rapina açor, ele foi eleito membro colaborador da sociedade, o que o permitiu uma maior aproximação com as pesquisas desenvolvidas à época (Walls, 1995, p. 122). No que diz respeito à botânica, Thoreau legou para a contemporaneidade cerca de oitocentas e vinte espécimes de plantas recolhidas por ele em sua região autóctone, que atualmente se encontram no Herbário da Universidade de Harvard (Powell, 2017).

Cultivador dos modos descritivos de exploração do mundo fenomênico, ele foi também um poeta cujas composições buscavam desbravar os sendeiros míticos do universo natural. Essa heterogeneidade e complementaridade em sua meditação acerca da natureza foi captada pelo poeta William Ellery Channing, companheiro de caminhada de Thoreau e escritor de sua primeira biografia, intitulada, justamente, *Thoreau, The Poet-Naturalist*. Herdeiro dos mosaicos românticos, o estudioso de Concord, em meio às suas tentativas de compreensão objetiva das operações orquestradas pelas leis naturais, procurou, semelhantemente, consumir o chamado pela constituição da mitologia do tempo presente. Tomando emprestadas as figurações dos mitos gregos, hindus e escandinavos, ele pintou cenários de uma Natureza *animada* (plena de *anima*, o poder vital da alma); uma Natureza reveladora dos fundamentos originários da existência humana e, similarmente, de todo o vir a ser que tem seu palco nos vastos cenários do globo. “A natureza”, escreveu ele em seu diário de 1856, “está cheia de gênio, cheia de divindade; de modo que nenhum floco de neve escapa de sua mão modeladora”³ (Thoreau, 1906e, p. 88).

³ No original: “Nature is full of genius, full of the divinity; so that, not a snowflake escapes its fashioning hand”.

Em *The Method of Nature* (1841), seu amigo e mentor R. W. Emerson havia traçado o panorama dessa concepção plurivocal de conhecimento da realidade da seguinte maneira:

Cada mirada cuidadosa que conferimos às realidades ao nosso redor, com a intenção de aprender, procede de um impulso sagrado, e constitui, na verdade, canções de louvor. Que diferença pode fazer se ela assume a forma de uma exortação, de uma exclamação apaixonada, ou de uma constatação científica? São apenas formas. Através delas nós expressamos, afinal, o fato de que Deus fez isto ou aquilo⁴ (Emerson, 1849, p. 189-190).

A compreensão de que tanto na ciência quanto na poesia a raiz do saber é oriunda de “*um impulso sagrado*” que nos contacta com o mistério da vida é fulcral para os transcendentalistas de modo geral. Devemos notar que sua posição não pretende negar os múltiplos caminhos do conhecimento, mas afirmar a unidade de um mesmo manancial do saber que, através da miríade de formas que lhe é característica, conversa, em diferentes linguagens, com o espírito humano. Compreende-se, assim, que se o divino atravessa todas as manifestações do mundo fenomênico, as diversas vias de conhecimento podem captar, cada qual à sua maneira, traços desse fundamento sagrado — a condição de possibilidade, afinal, de todo o vir a ser e, por conseguinte, de todo o saber.

Nas linhas iniciais de *A Walk to Wachusett* (1842), Thoreau tece uma perspectiva similar, demonstrando encontrar sinais para a reflexão acerca da natureza e das questões indelévels da condição humana tanto nas poesias da antiguidade quanto nas investigações contemporâneas dos naturalistas:

No verão e no inverno, nossos olhos pousaram no fino contorno das montanhas de nosso horizonte, (...) de modo que serviam igualmente para interpretar todas as alusões de poetas e viajantes; seja com Homero, em uma manhã de primavera, nos sentando rusticamente no Olimpo de muitos picos, ou com Virgílio e seus companheiros, vagando pelas colinas etrúrias e

⁴ No original: “Every earnest glance we give to the realities around us, with intent to learn, proceeds from a holy impulse, and is really songs of praise. What difference can it make whether it take the shape of exhortation, or of passionate exclamation, or of scientific statement? These are forms merely. Through them we express, at last, the fact, that God has done thus or thus”.

tessálicas, ou com Humboldt, medindo os mais modernos Andes e Tenerife⁵ (Thoreau, 1906a, p. 133).

Assim como para muitos de seus contemporâneos, Homero representava para Thoreau o modelo por excelência de poeta. Em seu primeiro livro, *A Week on the Concord and Merrimack Rivers* (1849), o bardo grego é pintado como aquele que, em virtude de sua proximidade com os cenários circundantes, e, por consequência, sua capacidade de descrever acuradamente os fenômenos, se funde com a naturalidade dos eventos, e parece falar com as mais íntimas vozes da Natureza:

Basta que Homero diga que o sol se põe. Ele é tão sereno quanto a natureza, e dificilmente podemos detectar o entusiasmo do bardo. É como se a natureza falasse. Ele nos apresenta as imagens mais simples da vida humana, para que a própria criança possa entendê-las, e a pessoa não precisa pensar duas vezes para apreciar sua naturalidade⁶ (Thoreau, 1906b, p. 94).

A ideia de que a poesia homérica, marcada pelo signo da oralidade, expressa maior fidelidade às expressões naturais, tem seu princípio no “primitivismo literário”, perspectiva trazida à baila por pesquisadores modernos de Homero. Robert Wood (1775, p. 5), por exemplo, via o poeta da Jônia como “o imitador mais constante e fiel da Natureza”⁷. Em *Essay on the Original Genius and Writings of Homer*, o erudito argumentava, precisamente, que “a expressão apaixonada da Natureza” presente na poesia épica atribuída ao bardo grego “apela diretamente aos nossos sentimentos, e encontra a rota mais curta para o coração”⁸ (Wood, 1775, p. 284). Antes de Wood, o proeminente representante do iluminismo escocês Thomas Blackwell havia publicado *An Enquiry into the Life and Writings of Homer* (1735), onde defendia que Homero “fez

⁵ No original: “Summer and winter our eyes had rested on the slim outline of the mountains in our horizon, (...) so that they served equally to interpret all the allusions of poets and travelers; whether with Homer, on a spring morning, we sat clown on the many-peaked Olympus, or with Virgil and his compeers roamed the Etrurian and Thessalian hills, or with Humboldt measured the more modern Andes and Teneriffe”.

⁶ No original: “It is enough if Homer but say the sun sets. He is as serene as nature, and we can hardly detect the enthusiasm of the hard. It is as if nature spoke. He presents to us the simplest pictures of human life, so the child itself can understand them, and the man must not think twice to appreciate his naturalness”.

⁷ No original: “the most constant and faithful copier after Nature”.

⁸ No original: “the passionate expression of Nature”; “appeals directly to our feelings, and finds the shortest road to the heart”.

Justiça à Natureza”, uma vez que somos capazes de ver “sua *Imagem* no Esboço de Homero”⁹ (Blackwell, 1757, p. 344).

Os estudos modernos da literatura homérica, de Thomas Blackwell a Friedrich August Wolf, foram influências valiosas para Edward Everett, professor de literatura grega em Harvard e importante divulgador, na região da Nova Inglaterra, dos estudos histórico-literários de Homero, bem como da “Alta Crítica” de J. G. Eichhorn, que inaugurou as investigações históricas da Bíblia (Richardson, 1995, p. 13). O panorama dos estudos históricos das religiões transmitido no Harvard College, frequentado por Emerson e Thoreau, mostrou-se, doravante, fundamental para as reflexões dos transcendentalistas de forma geral.

Na esteira desse pensamento, Thoreau enxergava na poesia homérica a presença de uma sabedoria acerca da vida humana e sua inserção no mundo natural que permanece verdadeira ao longo das eras. “Há poucos livros que são dignos de serem recordados em nossas horas mais sábias, mas a *Ilíada* é mais esplendorosa nos dias mais serenos”, escreve ele, declarando voltar-se para aquela que foi considerada pela tradição ocidental a primeira poesia épica “como se fosse a primeira e a última produção da mente”¹⁰ (Thoreau, 1906b, p. 97). “Três mil anos e o mundo mudou tão pouco! — A *Ilíada* parece um som natural que reverberou até os nossos dias”¹¹ (Thoreau, 1906c, p. 31), escreveu o autor norte-americano em seu diário a 3 de março de 1838.

Na ciência ou na poesia, o pensador de Concord buscava os princípios que regulam a natureza e a vida humana, sendo esta última tomada como uma parte da totalidade da economia natural. Na contemplação dessa unidade cósmica, cada potencialidade particular do universo se mostrava a Thoreau em sua condição de pertencimento a uma mesma potência originária, nutridora e integradora de todos os acontecimentos entre o céu e a terra. É sobre bases similares que Humboldt, em sua

⁹ No original: “done Justice to Nature”; “her *Image* in his Draught”.

¹⁰ No original: “There are few books which are fit to be remembered in our wisest hours, but the *Iliad* is brightest in the serenest days”; “as it were the earliest and latest production of the mind”.

¹¹ No original: “Three thousand years and the world so little changed! The *Iliad* seems like a natural sound which has reverberated to our days”.

famosa obra *Cosmos*, concebe sua perspectiva de investigação e contemplação da natureza. Logo nas primeiras linhas do Prefácio ao primeiro volume, o naturalista elucida que seu envolvimento com os diferentes ramos das ciências partiu de um propósito mais amplo que as delimitações particulares de cada ciência, o desejo por “discernir os fenômenos físicos em sua mais vasta conexão mútua, e compreender a Natureza como um todo, animada e movida por forças interiores”¹² (Humboldt, 1849, p. xviii). “O aspecto da natureza externa, tal como se apresenta em sua generalidade à contemplação reflexiva”, escreveu o explorador prussiano, “é o da unidade na diversidade, e da conexão, similaridade e ordem entre as coisas criadas mais dessemelhantes em sua forma; — um todo belo e harmonioso”¹³ (*ibid.*, p. 5).

Thoreau detinha familiaridade com as pesquisas humboldtianas, e havia lido as traduções para a língua inglesa das obras *Cosmos*, *Views of Nature* e os três volumes de *Personal Narrative*, bem como os relatos biográficos de Hermann Klencke em *Lives of The Brothers Humboldt*. Nos termos de Laura Dassow Walls em sua eminente pesquisa *Seeing New Worlds: Henry David Thoreau and Nineteenth-Century Natural Science*, o “poeta-naturalista” de Concord encontrou em Alexander von Humboldt “tanto a estrutura teórica quanto a metodologia prática que ele precisava para unir o individual e o particular com o Todo Cósmico”¹⁴ (Walls, 1995, p. 121). No ensaio *Walking*, Thoreau sugeriu, de modo semelhante ao do naturalista europeu, que a ordenação harmônica do universo se faz translúcida na apreciação e apreensão reflexiva da beleza da paisagem, tal como já haviam indicado os gregos:

Quão pouca apreciação da beleza da paisagem há entre nós! Somos informados que os gregos chamavam o mundo de *κόσμος*, Beleza ou Ordem, mas não vemos claramente por que eles o fizeram, e, na melhor das hipóteses,

¹² Na tradução consultada: “discern physical phenomena in their widest mutual connection, and to comprehend Nature as a whole, animated and moved by inward forces”.

¹³ Na tradução consultada: “The aspect of external nature, as it presents itself in its generality to thoughtful contemplation, is that of unity in diversity, and of connection, resemblance and order, among created things most dissimilar in their form; — one fair harmonious whole”.

¹⁴ No original: “both the theoretical framework and the practical methodology that he needed to unite the individual and particular with the Cosmic Whole”.

consideramos isso apenas como um curioso fato filológico¹⁵ (Thoreau, 1906h, p. 242).

Segundo Walls (1995, p. 4), Thoreau se aproximou da ideia corrente de estudo da natureza como um todo orgânico (também compartilhada por pensadores como Goethe, Coleridge, Emerson, Schelling, Humboldt e Darwin) a partir de duas chaves de compreensão, denominadas pela pesquisadora de “holismo racional” e “holismo empírico”. O primeiro, em suas palavras, “concebia o todo mecânico-orgânico como uma unidade divina ou transcendente integralmente compreensível apenas por meio do pensamento”, perspectiva esposada por Goethe, Coleridge e Emerson. Já o “holismo empírico” “salientava que o todo poderia ser compreendido somente pelo estudo das interconexões de suas partes constituintes e individuais”¹⁶, visão partilhada por Alexander von Humboldt e seus seguidores, incluindo Darwin. Muito embora o autor tenha se apoiado na análise descritiva e quantitativa dos fenômenos naturais, sua opinião, como ele escreveu em uma entrada de seu diário de 13 de outubro de 1860, é de que a “descrição mais verdadeira”, afinal, é aquela “não medida e eloquente que a visão dela inspira”¹⁷ (Thoreau, 1906g, p. 117).

Entre Homero e Humboldt, o que está em jogo, para Thoreau, é a busca dos princípios que orquestram conjuntamente a vasta e perene profusão das aparições naturais. Interpondo-se junto aos caminhos homéricos de expressão mítico-poética dos quadros circundantes e as rotas humboldtianas de exploração do universo natural, o pensador de Concord busca os nexos de articulação entre seus anseios espirituais de criação poética e seu objetivo de mensuração objetiva da realidade, cujo centro motor é a sua concepção unificadora da Natureza. A mitologia dos poetas antigos e a pesquisa empírica dos naturalistas modernos constituem, assim, modos de interpretar o mundo no qual nos inserimos — mundo este que, em uma expressão, é, para Thoreau, a

¹⁵ No original: “How little appreciation of the beauty of the landscape there is among us! We have to be told that the Greeks called the world *κόσμος*, Beauty, or Order, but we do not see clearly why they did so, and we esteem it at best only a curious philological fact”.

¹⁶ No original: “conceived the mechanico-organic whole as a divine or transcendent unity fully comprehended only through thought”; “stressed that the whole could be understood only by studying the interconnections of its constituent and individual parts”.

¹⁷ No original: “the truest description”; “the unmeasured and eloquent one which the sight of it inspires”.

unidade da Natureza. As figuras de Homero e de Humboldt representam, por conseguinte, óticas específicas de concepção da realidade que se auxiliam entre si nessa compreensão intencionada pelo sábio de Concord, cujas lentes interpretativas do cosmo se propõem multifocais.

Nessa atmosfera, Thoreau visava uma aproximação objetiva da natureza que caminhasse cadente junto à reverência pela sacralidade da vida; um estudo da natureza consciente de suas limitações perante a “*expressão última*” de qualquer vir a ser, e cujo “*fruto*” máximo é a assimilação espiritual da totalidade cósmica junto ao “*mistério de nossas próprias vidas*”. Como ele escreveu em seu diário a 7 de março de 1859, já em seus anos finais,

O mistério da vida das plantas é aparentado com o mistério de nossas próprias vidas, e o fisiologista não deve presumir explicar o crescimento das plantas de acordo com leis mecânicas, ou como se pudesse explicar algum mecanismo de fabricação própria. Não devemos esperar sondar com os dedos o santuário de qualquer vida, seja ela animal ou vegetal. Se o fizermos, não descobriremos nada além da superfície. A expressão última ou o fruto de qualquer coisa criada é uma bela efluência que somente o mais ingênuo adorador percebe a uma distância reverente...¹⁸ (Thoreau, 1906f, p. 523).

Referências bibliográficas

BLACKWELL, Thomas. An Enquiry Into the Life and Writings of Homer. 3. ed. London: E. Dilly, 1757.

EMERSON, Ralph Waldo. The Method of Nature. In: EMERSON, Ralph Waldo. Nature; addresses and lectures. Boston/Cambridge: James Munroe and Company, 1849, p. 181-215.

HUMBOLDT, Alexander von. Cosmos: Sketch of a Physical Description of the Universe. 3v. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1849, v. 1.

MILLER, Perry. The Transcendentalists: An Anthology. 14. ed. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

POWELL, Alvin. On Thoreau’s 200th birthday, a gift for botany. The Harvard Gazette. Cambridge, 7 jul., 2017, Health & Medicine. Disponível em:

¹⁸ No original: “The mystery of the life of plants is kindred with that of our own lives, and the physiologist must not presume to explain their growth according to mechanical laws, or as he might explain some machinery of his own making. We must not expect to probe with our fingers the sanctuary of any life, whether animal or vegetable. If we do, we shall discover nothing but surface still. The ultimate expression or fruit of any created thing is a fine effluence which only the most ingenious worshiper perceives at a reverent distance...”.

<<https://news.harvard.edu/gazette/story/2017/07/thoreaus-200th-birthday-brings-gift-for-botanists/>>. Acesso em: 10 de fev. de 2022.

RICHARDSON Jr., Robert D. *Emerson: The Mind on Fire*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1995.

THOREAU, Henry David. *A Walk to Wachusett*. In: THOREAU, Henry David. *Excursions and Poems*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906a, v. 5, p. 133-152.

THOREAU, Henry David. *A Week on the Concord and Merrimack Rivers*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906b, v. 1.

THOREAU, Henry David. *Journal I: 1827–1846*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906c, v. 7.

THOREAU, Henry David. *Journal V: March 5 — November 30, 1853*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906d, v. 11.

THOREAU, Henry David. *Journal VIII: November 1, 1855 — August 15, 1856*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906e, v. 14.

THOREAU, Henry David. *Journal XII: March 2, 1859 — November 30, 1859*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906f, v. 18.

THOREAU, Henry David. *Journal XIV: August 1, 1860 — November 3, 1861*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906g, v. 20.

THOREAU, Henry David. *Walking*. In: THOREAU, Henry David. *Excursions and Poems*. Editado por Bradford Torrey. *The Writings of Henry D. Thoreau*. 20v. Boston/New York: Houghton Mifflin and Company, 1906h, v. 5, p. 205-248.

WALLS, Laura Dassow. *Seeing New Worlds: Henry David Thoreau and Nineteenth-Century Natural Science*. Madison: The University of Wisconsin System, 1995.

WOOD, Robert. *An Essay on the Original Genius and Writings of Homer: With a Comparative View of the Ancient and Present State of the Troade*. London: H. Hughs, 1775.